

# Revista Filosófica de Coimbra

vol.13 | n.º25 | 2004

Miguel Baptista Pereira  
Amândio Coxito  
Alexandre Sá  
Pedro M. Gonçalo Parcerias  
Anne Schippling  
José Reis

se enquadra num outro registo, o da exposição especializada, parece inevitável que o prosseguimento do trabalho sobre a Obra de Eduardo Lourenço, que Miguel Real empreende hoje, se encaminhe para o registo crítico que lhe conhecemos de trabalhos como o de 1998 e *A Geração de 90* (Campo das Letras, 2001). Isto porque a natureza polémica da intervenção crítica de Eduardo Lourenço, incidindo sobre os maiores nomes da cultura portuguesa (Sérgio, Pessoa, Régio, Gaspar Simões, neo-realismo, grupo da Filosofia Portuguesa) é por natureza gerador de problemas teóricos que não se deixam elidir pela actual aclamação generalizada. Mesmo nos casos em que a proximidade de posições foi frequente (pense-se em Sena, em Casais Monteiro, em Eduardo Prado Coelho) nunca Eduardo Lourenço se eximiu a marcar a sua distância e a sua diferença e, assim, também a descrição da sua Obra tenderá a enveredar por uma discussão não só de uma visão da cultura portuguesa mas pela discussão da própria actividade cultural em causa. E, de facto, não se vê ninguém em melhor posição para o fazer do que Miguel Real.

5. Quem duvide do que acima se escreve pode avaliar por si - e não apenas em *Os Anos da Formação*. Sem espanto, a Imprensa Nacional solicitou a Miguel Real que escrevesse *O Essencial sobre Eduardo Lourenço* (INCM, 2003) e a própria estruturação do trabalho (que parte do filosófico para o literário e, deste, passa a incidir sobre a historiografia cultural portuguesa em particular face à Europa) atesta o que afirmamos. Hesitando quanto à designação a dar a Lourenço (sábio ou pensador? A flutuação dos termos na Introdução deriva de uma distinção entre «crítico» e «teórico» a nosso ver improficua, mas isso é outra questão), Miguel Real nota como a sua afirmação como autor original se deveu à revisão da história da literatura portuguesa do século XX mas que isso foi apenas um passo no ensaio de análise cultural mais amplo, que se estende desde a Pintura à Política, dos *mass media* ao «benfiquismo nacional». Que tal passo tenha sido dado ao conferir uma teoria filosófica (a célebre «aventura ontológica negativa») que travejou a afirmação académica da «nova crítica» na década de 1960 e estabeleceu o actual cânone literário sobre os pretendentes anteriores (tanto o da Universidade conservadora como o do Presencismo e o do neo-realismo), é apenas sinal da centralidade da Obra de Eduardo Lourenço na história das ideias, e mesmo das instituições, do século XX português. Mais uma razão para se seguir com atenção a investigação de Miguel Real.

Carlos Leone  
(BD/FCT e Univ. Lusófona)

WIERCIAŃSKI, Andrzej, (Editor) *Between Suspicion and Sympathy. Paul Ricoeur's Unstable Equilibrium*, ed. The Hermeneutic Press, Toronto, 2003. (731 pp.)

No ano do nonagésimo aniversário daquele que é também o seu mais ilustre membro, em boa hora empreendeu o International Institute for Hermeneutics de Toronto, pela mão do Prof. A. Wierciński, a publicação da obra que aqui se apresenta, justa homenagem a um dos maiores, senão o maior, filósofo vivo. Após dois textos introdutórios da autoria do editor, breves mas úteis viagens pelas principais obras e temas da hermenêutica de Ricoeur, bem como pelos principais momentos dos próprios textos incluídos no volume, a obra organiza-se ao longo de cinco secções. Cada uma dessas secções agrupa um conjunto de ensaios em redor de um horizonte identificável no trabalho de Ricoeur: as influências e as leituras críticas; a hermenêutica da identidade; a hermenêutica do testemunho; o signo, o símbolo, a metáfora e a narrativa; a filosofia social e política.

A primeira secção inclui onze trabalhos que procuram analisar a hermenêutica ricoeuriana à luz dos fios das heranças da hermenêutica romântica, da fenomenologia

husserliana, da hermenêutica de Heidegger e Gadamer, da influência de K. Jaspers e Gabriel Marcel, bem como da herança da filosofia reflexiva francesa. Neste sentido, sublinhando a dificuldade de uma leitura unitária da obra de Ricoeur, mas assumindo a procura de uma unidade possível como via de acesso à respectiva compreensão, Domenico Jervolino apresenta um texto organizado em redor do tema do *homem capaz* (p. 3 e ss). Segue-se a proposta de Olivier Abel apresentada ao longo das categorias de *interpretação, distanciação, narração, poética e círculo hermenêutico* (p. 11 e ss) e a de Lorenzo Altieri que elege o tema da “ontologia incompleta” de Ricoeur (p. 22 e ss) como nuclear. A estes trabalhos se poderia juntar a meditação de Cezary Wodzinski sobre o mal (p. 143 e ss) e a sua escandalosa capacidade para provocar o pensar. Os restantes ensaios incluídos nesta divisão da obra procuram, de modo explícito, iluminar o diálogo entre Ricoeur e aqueles com os quais fortaleceu o seu pensamento. Assim, propõe-se Agata Bielik-Robson, num trabalho intitulado *Hermeneutics as Via Negativa: Paul Ricoeur and the Romantics*, avaliar a influência da hermenêutica romântica sobre a hermenêutica ricoeuriana. Segue-se-lhe a contribuição de James Di Cenzo que analisa o modo de apropriação crítica da ética de Kant em *Soi-même comme un autre*, obra que tem, defende, “uma das suas mais fortes linhas de pensamento (...) erigida em redor da reconstrução da ética kantiana” (p. 67). Peter Kemp, por seu lado, apresenta-nos uma reflexão com o título *Memory and Oblivion: Reshaping Bergson According to Paul Ricoeur*, cujo escopo é enunciado nos seguintes termos: “poucos filósofos analisaram tão profundamente o fenómeno [da memória humana] como Bergson, e nenhum outro filósofo poderia alimentar melhor uma nova teoria da memória” (p. 80), nomeadamente, aquela que Ricoeur se propõe situar no espaço de impensado aberto pela ligação da experiência temporal à operação narrativa. Este trabalho de análise da linhagem filosófica de Ricoeur motiva igualmente a reflexão de Boyd Blundell que, em *Creative Fidelity: Gabriel Marcel's Influence on Paul Ricoeur*, procura recuperar a figura injustamente esquecida do “grande mentor de Ricoeur”, para o revelar como “influência profunda que talvez nos permita compreender melhor o movimento itinerante de Ricoeur por entre as versões reflexiva, fenomenológica e hermenêutica da sua filosofia” (p. 89). Markus Enders escreve sobre concepções de verdade em Ricoeur e K. Jaspers (p. 103 e ss), construindo um estudo comparado que evocará nos leitores de Ricoeur a influência do mestre alemão, primeiro acolhido através de um texto de Marcel (*Situation fondamentale et situation limite chez K. Jaspers*) e meditado, depois, profundamente com M. Dufrenne (*Karl Jaspers et la philosophie de l'existence*), na situação-limite dos campos de prisioneiros da Pomerânia Oriental (não esqueçamos, naturalmente, o texto de 1948 *Gabriel Marcel et Karl Jaspers. Philosophie du mystère et philosophie du paradoxe*). Stefen Orth apresenta-nos um trabalho – *From Freedom to God? The Impact of Jean Nabert's Philosophy of Religion on Paul Ricoeur* (p. 120 e ss) – dedicado à influência da filosofia reflexiva francesa (onde se entrecruza a herança do espiritualismo francês) de cujo espaço Ricoeur se reclamará. O horizonte de uma teia de leituras que engloba os nomes de Descartes, Maine de Biran, Boutroux, Ravaisson, Lachelier, Lagneau, J. Nabert, entre outros poderia ser aqui invocado, no entanto, o artigo em questão não se propõe seguir os fios dessas influências, mas tão só acompanhar em particular a importância de J. Nabert nos momentos em que Ricoeur procura “combinar a reflexão sobre o homem com a hermenêutica bíblica, sem negligenciar a diferença entre argumentação filosófica e teológica” (p. 130). Falta-nos apenas referir, nesta secção, o ensaio de Paul Fairfield sobre *Hans-Georg Gadamer, Paul Ricoeur and Practical Judgement* (p. 131 e ss), trabalho que se propõe cruzar a interpretação gadameriana da *phronesis* aristotélica com o cunho fenomenológico do pensamento de Ricoeur, enquanto este permanece visível nas suas concepções do acto de julgar, na sua ética e na sua hermenêutica da suspeita.

A segunda secção da obra é dedicada à hermenêutica da identidade. Em Ricoeur, este tema alicerça-se numa ideia de identidade pessoal entendida em termos de identidade

narrativa, o que impõe à reflexão a necessidade de pensar a identidade como questão do *mesmo* e do *diferente*. A questão do *si* é, neste sentido, em grande parte a questão do outro, melhor, a questão de uma alteridade de que não posso dispor mas me faz numa relação de máxima proximidade. Dão configuração ao horizonte desta problemática cinco artigos assinados por Richard Kearney, Mark I. Wallace, Henry Venema, Peter Welsen e Hans-Helmuth Gander. As propostas de análise aproximam-se em vários pontos. Assim, a perspectiva de Kearney sobre uma “hermenêutica diacrítica” reveladora da “consciência” ética (p. 160) que proclama os limites da clausura do ego-cogito, encontra-se com a tese de Wallace, segundo a qual “Ricoeur media com sucesso no seu pensamento ético a dialéctica entre auto-estima e solidariedade pelos outros” (p. 161); a este encontro se poderia juntar com proveito tanto o estudo sobre o tema da *responsabilidade* que Wenema introduz a partir de um diálogo entre Ricoeur e Derrida (p. 172 e ss), como a perspectiva enriquecedora do artigo de Gander sobre o tema da amizade em Platão (p. 203 e ss), ou ainda as teses de Welsen (p. 192 e ss) que aborda o tema da identidade partindo da relação entre “mesmidade” e “ipseidade”, passando pelas perspectivas de Parfit e respectiva opinião de Ricoeur, para terminar com uma referência – breve – à questão da identidade narrativa.

A terceira secção recebeu como título *The Hermeneutics of Testimony: Hearing the Message*. Como objecto de análise comum ao conjunto das contribuições aqui recolhidas, podemos identificar as zonas de fronteira que bordejam o esforço filosófico e a religião, a hermenêutica filosófica e a hermenêutica teológica. No seu trabalho intitulado *Critique and Conviction: Paul Ricoeur's Philosophy of Religion*, Francesca Brezi propõe-se analisar as três fases que, no pensamento de Ricoeur, assume a reflexão sobre Deus (p. 224): a fase do “embargo a Deus”, sob a influência de Karl Barth; a fase do “armistício”; e, finalmente, a fase de regresso e aceitação das suas próprias exigências filosóficas mais profundas, exigências que se cruzam com preocupações de fronteira entre filosofia e fé. Seguem-se os textos da autoria de Jan Sochoń e Gerhard Ludwig Müller, que se propõem analisar dois temas delicados: aquele procura em Ricoeur os elementos que permitam pensar hermenêuticamente uma teodiceia (p. 231); este indaga da possibilidade de pensar uma nova antropologia que tenha como base *também* a hermenêutica teológica (p. 234). Nesta secção são ainda tratados os temas do *mal*, da *generosidade*, do *testemunho*, da *revelação*, ou da *empatia*, num esforço que se pode dizer conjunto para pensar, em (ou com) Ricoeur, a “coexistência criativa” (p. XV) – assente numa separação mantida por uma rigorosa divisão metodológica – entre pensamento filosófico e teológico. Por aprofundar perspectivas ainda pouco exploradas do pensamento de Ricoeur e por permitir uma abordagem multívoca à meditação filosófica de um “intelectual cristão” (p. XXVI) esta secção encontra-se talvez entre as mais interessantes, mas seguramente entre as mais polémicas.

As categorias de *signo*, *símbolo*, *metáfora* e *narrativa* dão título à quarta secção da obra. Os dois primeiros artigos aqui apresentados são da autoria de Patrick Bourgeois (p. 333 e ss) e Leonard Lawlor (p. 351 e ss) e procuram situar as referidas categorias no contexto do diálogo, no mínimo difícil, entre a dimensão propriamente hermenêutica da interpretação e a dimensão desconstrutivista da *leitura textual* (p. XIII). O primeiro deste dois autores procura, seguindo as propostas de Ricoeur, esclarecer o percurso de uma hermenêutica dos símbolos através da dimensão metafórica da linguagem e de uma nova hermenêutica dos textos que se sabe incrustada no tempo; o segundo aponta como via de acesso à relação supra enunciada o tema da criatividade e, através dele, o da alteridade radical que também é a do texto. Segue-se um trabalho de Michal Markowski – *The Two Faces of the Logos: Michel Foucault, Paul Ricoeur and the Hermeneutic Tradition* (p. 357 e ss) – que interpela, a partir da posição de cada um destes filósofos face aos “mestres da suspeita” (p. 368), o legado da denominada tradição logocêntrica da hermenêutica nos respectivos percursos filosóficos. O quarto texto deste bloco é de David Pellaner e tem por

objectivo central ponderar o contributo de Ricoeur para uma “hermenêutica literária” (p. 371), embora assuma igualmente, como contexto mais lato, o tema geral da interpretação na sua relação com a teoria e prática hermenêutica. De algum modo, poderia ligar-se com proveito este texto àquele que lhe sucede da autoria de Jacob Rendtorff e com o título, enigmático mas sugestivo, *Paul Ricoeur's Poetic Ontology: Metaphor as Tensional Resemblance* (p. 379 e ss). Trata-se aqui de, partindo da leitura de *La Métaphore vive*, explorar “o significado ontológico do ponto de vista tensional de Ricoeur sobre a metáfora” (p. 379), ponto de vista que obriga a referir a formação de sentidos à imaginação humana enraizada no mundo e, por aí, a meditar de modo renovado a relação entre “metáfora, pensamento e ontologia” (p. 380). Segue-se o texto assinado por Marcelino Agis Villaverde e dedicado ao tema *Textual Interpretation Theory in Paul Ricoeur* (p. 398 e ss). Neste trabalho se pode acompanhar, num estilo claro e esquemático, o arco hermenêutico que liga, nas suas mais diversas dimensões e implicações, o texto à acção; de entre essas implicações, nota o professor de Santiago de Compostela, a não menos importante é, seguramente, a de que a hermenêutica de Ricoeur terá como um dos seus centros a ideia de *distanciação* que nos afasta da compreensão directa dos factos e exige, por isso, uma interpretação que se faça mediação. Numa palavra, a hermenêutica de Ricoeur é aquela que situa o compreender na história. O sétimo texto desta secção é marcado pelas perspectivas da chamada filosofia da mente, assim abrindo o debate em curso ao diálogo que o próprio Ricoeur manteve com a filosofia anglo-saxónica de inspiração analítica. Referimo-nos ao ensaio da autoria de Shaun Gallagher que pretende identificar as condições de possibilidade de uma simbólica de si ou “narrativa de si” (p. 409), sem esquecer as novas propostas da neurobiologia. O debate é conduzido no sentido de uma concepção de si marcada por um corpo capaz de acções, por princípio, socialmente contextualizáveis. Ficaria incompleto o tema da “abertura crítica ao signo, símbolo, metáfora e narrativa”, que orienta este momento da obra em análise, sem uma referência às transformações que essa abertura impõe aos conceitos tradicionais de “subjectividade” e “objectividade”. Tema necessariamente sempre presente em qualquer estudo sobre a hermenêutica de Ricoeur, é assumido explicitamente por Axel Schmidt e Winfried Schmidt de um modo inesperado: procurando, na história da física, o esforço de estabelecimento dos limites do que é objectivável (p. 425) para, por analogia, chegar a debater a questão no âmbito hermenêutico. A física clássica partiu da separação entre sujeito que observa e objecto observado vazio de qualquer dado subjectivo. A teoria quântica veio demonstrar os limites desta concepção sem negar, no entanto, a existência de um objecto para um sujeito; demonstrou assim, ao mesmo tempo, os limites da validade do antigo modelo de objectividade e uma nova ideia de “objectividade” que se encontra nos próprios limites, possibilidades ou probabilidades do sentido. Encerra-se da melhor maneira esta secção com três ensaios que assumem a obra de arte como guia de caminho na hermenêutica de Ricoeur. Assim, Birgit Schaaff analisa a interpretação de *Antígona* que Ricoeur insere, em *Soi-même comme un autre*, no centro da sua “petite éthique” (p. 437); André LaCoque, por outro lado, procura estudar o tema da “autoria” (p. 447) a partir das concepções ricoeurianas de *texto, leitor e autor*; Paul Kidder tem em vista, com o seu texto *Interpretation and Speechless Image*, avaliar “o papel que a hermenêutica filosófica pode desempenhar na interpretação das artes visuais” (p. 460) para assim demonstrar o alcance do contributo de Ricoeur para o estudo da compreensão; finalmente, Mário J. Valdés propõe-se meditar a *Hermeneutics of Painting* (p. 469 e ss) de Paul Ricoeur, permitindo a sua investigação concluir que “apesar de ser verdade que Ricoeur não colocou a pintura no centro do seu trabalho, a sua reflexão sobre o trabalho dos vários artistas que admirou constitui um aspecto profundo da sua filosofia” (p. 475).

A quinta secção desta obra tem por título *Ideology and Utopia: Hermeneutics and Socio-Political Philosophy*. Os dez trabalhos que inclui agrupam-se, de modo evidente, em redor de dois núcleos temáticos. Numa primeira sub-divisão englobaríamos os seis primeiros

ensaios: *Paul Ricoeur: Philosopher of Being-Human* (Zuoren) de Gary Madison; *Paul Ricoeur's Practical Wisdom: Reflections on the Social Philosophie of Oneself as Another* de Frederick Lawrence; *Recognition on the Work of Paul Ricoeur* de Morny Joy; *Justice and Interpretation* de David Rasmussen; *On Paul Ricoeur's Philosophie of Law: Reflections on His Latest Works* de Giuseppe Zaccaria; *Judging Action: Paul Ricoeur's Contribution to the Legal Interpretation of Facts* de Henrik Lesaar. Ligam estas propostas de análise a reabilitação, empreendida por Ricoeur, do âmbito conceptual tradicional da filosofia política. Neste contexto, podemos acompanhar ao longo dos trabalhos referidos, por um lado, estudos sobre os temas do multiculturalismo e encontro de culturas (p. 481), do justo (p. 488), do reconhecimento (p. 494), da ordem social (p.504), do sujeito de direito (p. 536), da aplicação da lei (p. 539), da interpretação da acção (p. 557), ou da reconstrução de situações de facto; por outro lado, é possível seguir simultaneamente um conjunto de reflexões sobre diálogos de referência que Ricoeur enceta, por exemplo, com o âmbito da filosofia prática kantiana (p. 503), com o horizonte de uma teoria da justiça tal como é meditado por J. Rawls (p. 506), ou com a concepção aristotélica de *phronesis* (p. 508). Num segundo grupo, incluiríamos os restantes quatro ensaios que formam a quinta secção: *Symbol and Symptom: Paul Ricoeur's Readings of Freud* de Pawel Dybel (p. 563 e ss); *Paul Ricoeur's Durcharbeiten* de Kathleen Blamey (p. 575 e ss); *Text, Interpretation, and the Unconscious in the Thought of Paul Ricoeur* de James Phillips (p. 585 e ss); *The Poverty of the Semiotic Turn in Psychoanalytic Theory and Therapy* de Adolf Grünbaum (p. 602 e ss). Estes trabalhos partilham o mesmo espaço de análise, ao situarem-se no contexto da leitura crítica do projecto psicanalítico de Freud desenvolvida por Ricoeur. Falamos aqui, naturalmente, dos trilhos de uma hermenêutica que, atribuindo-se a tarefa de pesquisar e desvelar os sentidos que no símbolo dão que pensar, se reconhece num gesto de *desmitologização*, entendido como recuperação de sentidos escondidos no símbolo, e num gesto de *desmistificação*, entendido como recuperação de sentidos que não se resumem à literalidade do fixado objectivamente pelo símbolo. Estes serão caminhos, entre outros, de uma hermenêutica da *via longa*, ou seja, caminhos de uma reflexão que se exerce sobre a expressão ou objectivação simbólica, mas se situa na *distanciação* que não pode ser já objectivante. De facto, quando nos referimos à hermenêutica de Paul Ricoeur, do que falamos é de uma reflexão que se sabe possível apenas no espaço de mediação exigido por aquele que, já tendo sido tomado pelo sentido (nomeadamente de si mesmo e do outro), não tem deste nem uma imagem cristalina, nem a ele tem um modo de acesso imediato.

O volume termina com um *Postscript* onde se inclui, primeiro, um trabalho que apresenta de modo panorâmico a obra de Ricoeur (p. 620 e ss), depois, a transcrição das entrevistas que Paul Ricoeur concedeu respectivamente a Tamás Tóth (em Junho de 1991 e Junho de 1996) e a Yvanka Raynova (em 1993 e 1996) e, por último, um precioso capítulo onde se apresentam os autores dos textos aqui reunidos. Essa apresentação é feita através da identificação da instituição onde cada um prossegue a sua investigação e do registo das principais publicações.

Ao permitir que diferentes abordagens se cruzem numa leitura de horizonte, ao contribuir para o franquear de novas perspectivas críticas sobre o pensamento hermenêutico de Ricoeur e, finalmente, ao dar a conhecer o trabalho que se realiza, um pouco por todo o mundo, em redor do filósofo de Valence, *Between Suspicion and Sympathy. Paul Ricoeur's Unstable Equilibrium*, é bem uma obra de importância considerável que interessará, seguramente, a todos quantos acolhem e redobram a interpelação hermenêutica do sentido.

Luís António Umbelino